Resultados acima da expectativa e um baixo investimento em 2009

Para 2010, juros em patamares razoáveis e a continuidade da expansão do emprego

Fernando Garcia e Ana Maria Castelo



Lu Santos

ESTE ANO se encerra com resultados e perspectivas substancialmente melhores do que as que se desenhavam no final de 2008. Vários indicadores apontam para um desempenho do mercado doméstico bastante positivo: crescimento do consumo das famílias e do emprego formal. Nesse aspecto, o setor da construção teve um papel estratégico, pois garantiu uma expansão importante dos postos de trabalho com carteira assinada. A despeito dessas conquistas, a retração do investimento em 2009 levará a um crescimento econômico reduzido.

Para 2010, há sinais evidentes de recuperação da taxa de crescimento econômico para os patamares de 2006 a 2008, num cenário de inflação mais favorável. Isso permitirá a manutenção dos juros reais em patamares razoáveis e a continuidade do processo de expansão do emprego, fatores positivos para a sustentação do crescimento econômico nos anos seguintes.

Consumo e PIB

Ao longo de 2009, o bom desempenho do consumo doméstico evitou uma recessão profunda da economia brasileira. De janeiro a setembro de 2009, as vendas do comércio varejista cresceram 9,4% em relação a igual período de 2008, segundo a pesquisa de faturamento do comércio do IBGE. Desconsiderando a inflação do período, o crescimento das vendas foi de 4,7%, superando todas as expectativas traçadas ao final de 2008.

Esse desempenho foi resultado em boa medida do crescimento das vendas de veículos, impulsionadas pela redução de IPI. Nos primeiros nove meses do ano, as vendas físicas de automóveis cresceram 6,2% segundo o IBGE. Também com incentivos do governo federal, a performance do segmento de equipamentos de informática e comunicações contribuiu para a evolução favorável do comércio. As vendas reais do segmento cresceram 11,9% até setembro. Outro segmento com desempenho muito favorável foi o de hipermercados e supermercados, cujo crescimento atingiu 7,5%.

O consumo doméstico em alta compensou parte da retração dos investimentos (máquinas e equipamentos e materiais de construção) e das exportações,

possibilitando que a queda da produção industrial não fosse tão intensa. Ainda assim, a produção física da indústria de transformação amargava queda de 11,5% nos primeiros nove meses do ano.

O PIB brasileiro deve fechar 2009 com um crescimento relativamente pequeno, entre 1% e 2%. Ainda assim, esse desempenho coloca o país entre os poucos com expansão de atividades num ano de profunda crise internacional. E o consumo aquecido no final de 2009 dá condições para uma recuperação industrial mais acentuada ao longo de 2010.

Emprego e renda

Ao longo de 2009, até setembro, foram criados 933 mil novos postos de trabalho com carteira. Esse volume de novas contratações mais que compensou o desempenho ruim do mercado de trabalho formal verificado ao final do ano passado. Nos últimos dois meses de 2008, foram encerrados 696 mil postos de trabalho. Desde setembro de 2008, contudo, houve um saldo líquido de mais de 580 mil postos de trabalho novos, ou seja, desde o início da crise, o emprego formal cresceu 1,7%.

O mesmo movimento não foi acompanhado em igual magnitude pela ocupação em geral. Segundo o IBGE, entre setembro de 2008 e setembro de 2009, foram criadas apenas 112 mil ocupações nas regiões metropolitanas do país. Isso indica um crescimento de 0,6% em 12 meses, cerca de um ponto percentual abaixo da expansão do mercado formal de trabalho. O crescimento das ocupações foi expressivo (3,5% em 12 meses) apenas no segmento de administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde e serviços sociais. Houve encerramento de postos de trabalho na indústria de transformação.

A expansão da ocupação não foi suficiente para abrigar o contingente de pessoas que ingressou na força de trabalho em 2009. Assim, cresceu ligeiramente a taxa de desemprego aberto no país. A taxa média d desemprego nos primeiros 9 meses de 2009 foi 3,4% superior à de igual período de 2008.

Contudo a renda média das pessoas ocupadas cresceu de forma expressiva ao longo de 2009. Já considerada a inflação, de janeiro a setembro de 2009, a renda média das pessoas ocupadas nas regiões metropolitanas do país foi 3,9% superior à registrada em igual período de 2008. Essa expansão, somada ao pequeno crescimento da ocupação, indica aumento de 4,5% na renda real do trabalho, valor muito próximo ao crescimento das vendas no comércio varejista (4,7% em igual comparação).

Inflação

Em setembro e outubro, o IPCA registrou pequena aceleração e passou a acumular elevação de 3,50% no ano. O movimento, no entanto, não trouxe maiores preocupações para a autoridade monetária. Em sua última ata, o Copom indica que o risco de pressões bruscas de preços nos próximos meses continua reduzido. Essa avaliação é corroborada pelo mercado, que mantém sua expectativa de cumprimento da meta em 2009.

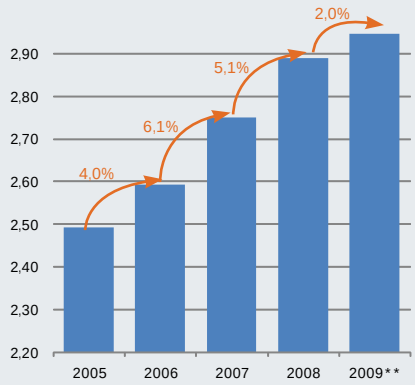
A evolução favorável dos preços tem sido percebida de forma mais intensa no atacado. O IPA-DI registra até outubro queda de 3,76%. A deflação observada em outubro surpreendeu por já se dar em um contexto de recuperação da demanda interna. A despeito da elevação do IPI de eletrodomésticos, e da retomada da produção, a maioria dos setores industriais ainda mostra folga elevada na utilização de sua capacidade. A demanda externa ainda bastante fraca e o movimento de apreciação cambial dos últimos meses têm sido fatores importantes de contraposição ao crescimento mais expressivo do consumo doméstico. No entanto a tendência deflacionária dos índices chega ao fim. O IGP-DI registra no ano queda de 1,39% e deve fechar negativo em 2009.

Por fim, vale notar que o ritmo de recuperação dos preços será o fator a determinar uma eventual alteração da atual política de juros.

Emprego na construção

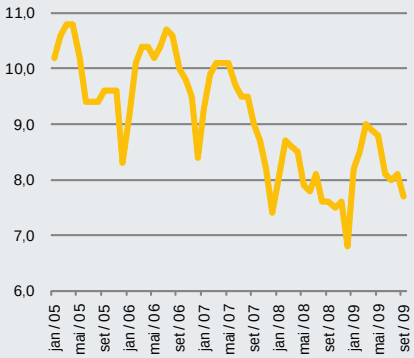
A crise financeira encontrou o setor da construção trabalhando próximo de sua capacidade máxima de operação. Os sinais de que as empresas estavam chegando nesse limite vinham principalmente do mercado de trabalho, com a dificuldade de encontrar mão-de-obra qualificada. No entanto, o cancelamento de lança-

Produto Interno Bruto



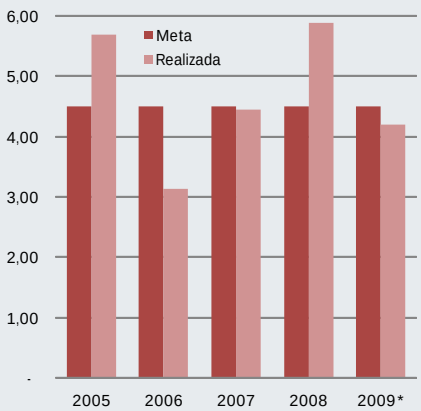
Fonte: Ipeadata. *a preços de 2008. **estimativa FGV

Taxa de desemprego (%)



Fonte: IBGE

Inflação (%): meta e realizada



Fonte: IBGE, Bacen. *projeção

mentos residenciais e de alguns projetos de expansão da indústria contribuiu para reduzir a pressão no mercado de trabalho nos primeiros meses do ano.

Ainda assim, o setor continuou operando em ritmo relativamente intenso, atendendo os contratos fechados em 2007 e 2008. Os números do emprego mostram bem essa dinâmica: após as demissões do final de 2008, as empresas voltaram a contratar já a partir de janeiro e, em agosto, todas as vagas encerradas haviam sido reabertas. Os investimentos em infra-estrutura também contribuíram de forma importante para assegurar a manutenção das atividades das empresas ao longo do ano.

De acordo com a pesquisa da **FGV** e do **SindusCon-SP**, com base nos dados do Ministério do Trabalho, entre dezembro e setembro foram criadas 211.942 vagas no setor em todo país, sendo 79.986 na área imobiliária e 59.422 em obras de infra-estrutura. Na comparação com o mesmo período de 2008, o emprego registra crescimento de 7,27%.

Para os próximos meses, o programa habitacional, a recuperação dos investimentos privados e a infra-estrutura irão contribuir para que o ritmo das empresas se intensifique ainda mais, aumentando a necessidade de mão-de-obra e trazendo novamente pressão ao mercado de trabalho. Isso significa que os programas de qualificação e treinamento voltarão à linha de frente das preocupações setoriais em 2010.

Crédito e lançamentos

Os compradores de imóveis sentiram pouco os efeitos da crise econômica. Com a queda da taxa de juros básica da economia e a evolução favorável da renda do trabalho, a captação da poupança foi positiva em 2009. Assim, a mais tradicional fonte de financiamento imobiliário assegurou um volume de recursos compatíveis com o que foi destinado ao mercado em 2008. O volume de crédito até setembro atingiu R$ 23,2 bilhões, o que representou um crescimento de 1,6% em relação a 2008. A principal mudança deu-se nas condições de financiamento, uma vez que algumas instituições extinguiram as linhas com menor taxa de juros.

No entanto é importante notar que a sustentação do crédito habitacional foi possível essencialmente em decorrência da maior atuação da Caixa Econômica Federal no mercado. A Caixa já havia assumido um papel preponderante em 2008 e que foi fortalecido com a crise. A instituição, além da poupança, trabalha com os recursos do FGTS, que cresceram em relação a 2008. O programa Minha Casa Minha Vida veio reforçar a atuação da instituição no crédito imobiliário voltado para a baixa renda.

Com os recursos e, principalmente, com as condições de crédito mais favoráveis asseguradas, a confiança do comprador de imóvel foi retornando. Assim, depois de um primeiro trimestre de grande paralisia no mercado habitacional, as vendas começaram a se recuperar e as empresas voltaram a realizar lançamentos. Na região metropolitana de São Paulo, a queda no primeiro semestre do ano chegou a 55%. A partir de julho, o cenário melhora de forma significativa, mas os números seguem bem inferiores aos de 2008. Vale notar que o mercado habitacional retornou aos níveis de 2006.

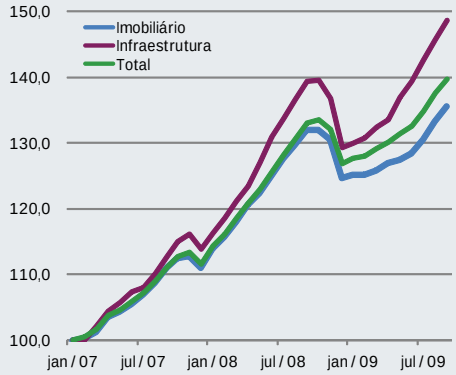
Indústria de materiais

Diferentemente da construção, a indústria de materiais iniciou o ano de 2009 com uma retração forte de suas atividades. Estoques elevados, queda nas exportações e na demanda formiga das famílias levaram a uma queda expressiva do faturamento que, até outubro, atingia 14,8%. Vários segmentos da indústria reagiram com redução da produção e do emprego.

A retração não foi disseminada por todos os segmentos na mesma intensidade. A indústria do aço foi uma das que mais sentiu os efeitos da combinação estoques elevados e exportações em declínio. Ela registrou queda na produção de 15% até outubro, na comparação com o mesmo período de 2008. A indústria de cimento e de produtos derivados de cimento enfrentou um cenário menos adverso. As medidas de estímulo ao setor da construção contribuíram para manter a produção e o consumo em patamares semelhantes ao de 2008.

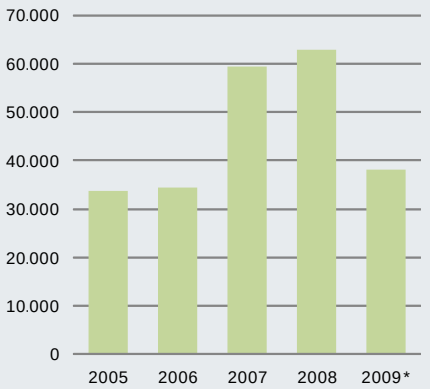
É importante notar que as medidas adotadas pelo governo para conter a crise, especialmente a desoneração de materiais, vêm conseguindo estimular a demanda.

Emprego na construção, Brasil*



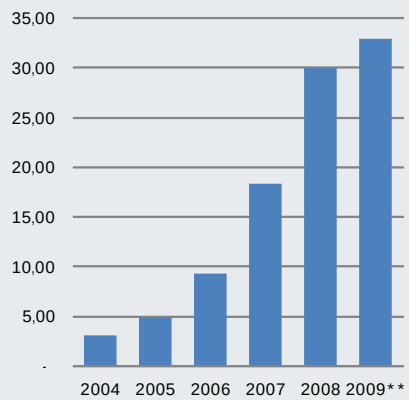
Fonte: MTE, FGV / SindusCon-SP. *com carteira, índice jan / 07=100

Lançamentos na RMSP (unidades)



Fonte: Embraesp. *projeção

SBPE, Recursos contratados*



Fonte: Abecip. *R$ bilhão. **projeção

Embora o aumento das vendas no comércio ainda não tenha compensado as perdas intensas registradas no primeiro semestre, o nível de utilização da capacidade da indústria vem avançando e alcançou o patamar de 86% em novembro, o que já é muito próximo dos níveis observados em 2008, antes da crise. Dessa forma, o setor da construção começa a se preocupar novamente com a capacidade da indústria de atender a demanda em 2010.

O resultado da sondagem **SindusconSP**, realizada com os empresários da indústria de materiais em novembro, revelou que o setor está otimista com as perspectivas e manifestou um forte crescimento da intenção de investir nos próximos 12 meses, o que será essencial para garantir o abastecimento do mercado nos próximos anos.

Perspectivas 2010

O desempenho relativamente bom da economia brasileira em 2009 acena para uma recuperação rápida das taxas de crescimento econômico. Entre 2005 e 2008, o país cresceu 5% ao ano, taxa que deve ser superada em 2010. Espera-se para o próximo ano que a economia brasileira cresça 5,8%.

Essa recuperação será comandada pela ampliação dos investimentos públicos e privados. A crise levou a uma drástica redução do investimento em 2009, que deve atingir 16,2% do PIB, quase 3 pontos percentuais abaixo dos 19% registrados em 2008. Vários setores já admitiram que a retração dos investimentos foi mais intensa que a necessária para enfrentar a crise. Para o próximo ano, espera-se um taxa em torno de 20%, o que fará as inversões crescerem de R$ 476 bilhões para R$ 625 bilhões.

Os setores que receberão mais recursos serão o imobiliário residencial e o energético. Os investimentos imobiliários deverão passar de R$ 170 bilhões em 2009 para R$ 202 bilhões em 2010 em razão da retomada dos lançamentos no final deste ano, à ampliação do crédito e à aceleração das obras do Minha Casa, Minha Vida. As obras do Rio Madeira avançam e os dispêndios com o projeto se ampliam no próximo ano. Também devem crescer de forma expressiva as despesas de capital no setor de petróleo.

As perspectivas são de uma taxa de inflação controlada em 2010, em torno de 4,5%. Ao contrário do ocorrido em 2008, quando a aceleração do crescimento provocou uma maior inflação, o crescimento de 2010 se dará num contexto distinto. Em primeiro lugar, há uma maior capacidade instalada em vários segmentos da economia nacional, que vinham investindo e não expandiram a produção em 2009. Além disso, os preços internacionais estão contidos pela recessão nos países desenvolvidos. Vale lembrar que, em 2008, o preço do petróleo, como o de outras commodities minerais, atingiu recorde histórico. A inflação alimentar pressionou o preço dos bens agrícolas no mercado brasileiro. Em 2010, a recuperação da economia mundial ainda é modesta e os preços internacionais não devem prejudicar a inflação brasileira.

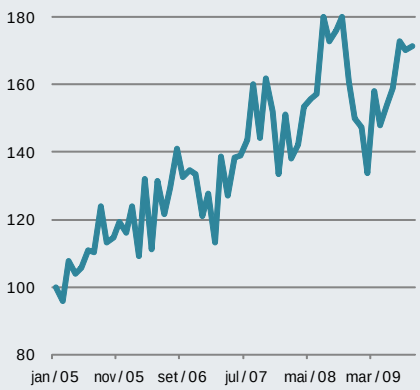
A taxa de juros básica da economia brasileira deve continuar sua trajetória de redução em termos reais. A taxa nominal deve ficar aproximadamente no mesmo patamar de 2009, mas o pequeno avanço da inflação deve reduzir a taxa real de 5,7% em 2009 para 5,3% em 2010.

Construção

A ampliação dos investimentos imobiliários e nas obras de infra-estrutura trará uma expansão acentuada do PIB da construção em 2010, reconduzindo o setor à trajetória expansionista observada desde 2006. Entre 2006 e 2008, o PIB da construção passou de R$ 96,3 bilhões para R$ 137 bilhões, um crescimento de 42,2%. Descontada a elevação de custos da construção, medida pelo INCC da **FGV**, o PIB da construção avançou 23,3% em dois anos. Com a crise econômica mundial, o crescimento reduziu-se para o patamar de 1% acima da inflação setorial. Para 2010, espera-se uma expansão real de 8,8%. Com isso, o PIB da construção deve atingir R$ 150 bilhões a preços de 2008.

A expansão da produção conduzirá á abertura de novos postos de trabalho. Espera-se um crescimento de 8% nos postos de trabalho com carteira assinada no setor. Assim, na média mensal de 2010, deverão ser oferecidos quase 2,4 milhões de empregos, 180 mil postos a mais do que em 2009.

Produção de cimento*



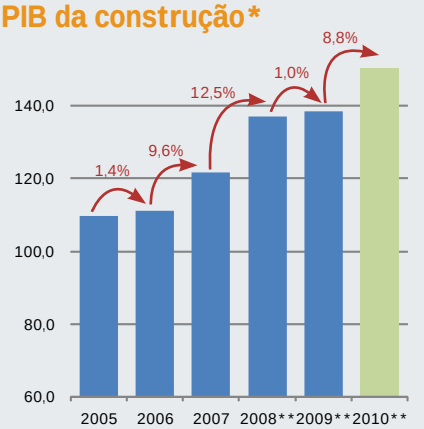
Fonte: SNIC. *índice Jan/07=100

Perspectivas 2010

	2008	2009*	2010*
PIB (% ao ano)	5,1%	1% - 2%	5,8%
IPCA (% ao ano)	5,9%	4,0%	4,5%
Selic (% ao ano)*	6,2%	5,7%	5,3%
PIB da construção (% ao ano)	12,5%	1,0%	8,8%
Emprego na construção	17,4%	7,3%	8,0%

Fonte: IBGE. *estimativa FGV

PIB da construção*



Fonte: IBGE. *R$ bilhões a preços de 2008, deflacionados pelo INCC. **estimativa FGV